

influência da personalidade individual no movimento histórico

por Alves Moura

É um facto verificado tanto em Ciência, Arte e Moral, como em Política e Sociologia, que qualquer ideia ou teoria levada a posições extremas ou aplicada a campos que não sejam o seu, perde toda ou grande parte da sua verdade e, principalmente, da sua fecundidade.

Certas formas dum materialismo simplista, primitivo, mecanicista e certas interpretações extremas, deformadoras, anti-dialécticas, do materialismo histórico, reagindo contra uma explicação também unilateral da história, seguida tradicionalmente (que resumia todo o movimento histórico aos actos dos grandes homens) caíram no defeito contrário. Uns, negando todo o valor activo às personalidades marcantes que seriam simples secreções sociais; outros, embora reconhecendo-os «factores notavelmente dinâmicos», afirmam que não só são «produtos de uma longa elaboração que actua nesses factores pela super-estrutura mental criada», o que está bem, mas ainda que «não são mais do que pedaços de cortiça boiando na grande corrente da História, sob o impulso das forças que a regem».

Esta última proposição implica visivelmente a perda de toda a eficácia do indivíduo

revista das ideias

(Continuação da página anterior)

de momento. O facto aí está: néo-barbárie, néo-idade-média, caricatura da primeira idade-média, tendo o seu arrebatamento e a sua grandeza desaparecido para sempre. Porque desvario não é juventude...

E sobre tudo isto, uma imensa satisfação onânica da *intelligentsia*, uma colossal paranoia excitada e delirante, um acre sentimento de morte, único e derradeiro transporte, certeza e acuidade suprema, morte que, essa, será mais do que nunca «racionalizada».

(De «La conscience mystifiée», Paris, N. R. F., 1936, págs. 15 a 19)

como «factor dinâmico» na transformação histórica.

Tôdas estas concepções são manifestamente parciais e, portanto, insuficientes.

Verifiquemos primeiramente o valor da teoria do super-homem—agente isolado das transformações dos sistemas sociais.

O seu erro básico consiste em considerar o homem livre de todos os limites impostos pelo condicionamento da estrutura técnica-económica-social.

Os movimentos históricos para ela dependem unicamente da vontade e dos feitos dos grandes homens.

Levado às suas consequências extremas implicaria que qualquer transformação histórica seria possível em qualquer época.

Assim, exemplificando, o triunfo do socialismo sob qualquer das suas formas, suponhamos o Mazdekismo, seria possível em qualquer época, se nessa época existisse um caudilho capaz de levar os seus partidários ao triunfo.

Não reparam que só no século XIX a produção atingiu a quantidade suficiente que permitisse uma organização social daquele tipo.

Não notam, também, a coincidência estranha entre as épocas de crise, de necessidades vitais e o aparecimento dos grandes homens até aí ignorados e que são revelados pelos acontecimentos dos quais se tornam os intérpretes.

A crítica desta insuficiência levou os materialistas não-dialécticos a uma posição contrária.

Afirmam, unilateralmente, a obrigatoriedade do aparecimento de grandes homens num dado momento histórico, de que são, por assim dizer, o produto, e no qual não influem decisivamente.

Fundam-se, para isso, em alguns factos particulares. Por exemplo, na altura da guerra de libertação dos Estados Unidos o movimento tinha criado tão profundas raízes que se não aparecesse Georges Washington, outro apareceria que desempenharia o mesmo papel que ele. Fazem notar ainda esta coincidência (não casual, visto que se verifica sempre) do aparecimen-

to das grandes personalidades nos momentos críticos.

Uma vez aceite por verdadeiro este facto vejamos qual o seu ponto vulnerável.

Sendo verdade que todos os grandes homens aparecem nos momentos em que são necessários, a recíproca será verdadeira?

Sim, em todos os momentos críticos aparecem grandes homens?

Se apareceu um Nuno Álvares em 1384, porque não apareceu outro em 1580? e outro em 1807?

Da crítica destas duas tendências contraditórias somos levados a uma revolução dialéctica, que nos conduzirá, possivelmente, a um ponto mais próximo da verdade.

A insuficiência vem em grande parte da repugnância em introduzir o acaso como factor importante no processo histórico. Empregamos o termo *acaso* no sentido que lhe atribui o grande dialecta americano Sidney Hook, não como um fenómeno *sem causa*, mas como um facto com *efeitos históricos*, embora *sem causas históricas*. S. H. dá como exemplo dum fenómeno de *acaso*, o de um tremor de terra.

Com efeito, um terramoto pode ter consequências históricas, por exemplo o amiquilamento duma civilização, mas a sua causa é *geológica* e não histórica.

O *acaso* em História consiste na coexistência de necessidades económico-sociais e culturais e de um ou vários homens com as qualidades físicas, morais e intelectuais, capazes de lhe darem expressão.

O tipo mental e moral desse homem ou homens é condicionado pelo meio social que o cerca, através das relações sociais de produção, da cultura, das tradições e religiões. Das inter-reacções da psicologia do indivíduo e do meio social, deriva como síntese a sua posição perante os problemas do seu tempo.

Aqui é que me parece que está a chave do problema.

O papel duma forte personalidade individual, é o de dar forma e expressão às necessidades ou desejos objectivos duma sociedade ou classe

social (os quais muitas vezes existem ocultos e inexpressos), e não o de criar essas necessidades ou desejos.

É o caso de um Jesus, de um Gautaura Buda ou de um Marx.

Outras vezes consegue organizar à sua volta os indivíduos que têm um determinado objectivo, aos quais serve de guia, indicando o momento oportuno e próprio para agir, e assim os leva ao triunfo.

É o que sucede com um Danton, um Marat, um Robespierre, um Vladimír Ilitch ou um Mussolini.

Outras ainda a acção do grande homem influi e determina o sentido que tomam certas ideias ou acontecimentos.

É o caso de Napoleão.

Esta interpretação mostra quão longe está o materialismo histórico daquele defeito de que o acusam de «sob-estimar o significado da personalidade na história».

Este vício é, sim, bem visível, como se viu na interpretação mecanicista, que tem como representante de maior vulto, em Portugal, o Sr. Dr. Abel Salazar, pelo menos pelo aspecto que nos tem mostrado nos seus artigos sobre a «Crise Europeia» no «Sol Nascente» e em fragmentos, alguns dos quais reproduzidos acima, do «Movimento de Ideias» em «O Diabo».

Ao ler-se, nesta última secção, a notícia sobre Bertrand Russell e o indivíduo marcante no n.º de 11-12-938, parece que o sr. dr. A. S. vê o problema com justeza, mas a «Crise Europeia» e o fragmento da notícia sobre o «Elixir de James Pointe» de 24-12-938 em «O Diabo» desfazem-nos esta impressão.

Uma variante curiosa do método de A. S. é nos dada no artigo do n.º 5 da «Esfera» sobre o Mazdekismo, quando atribui como causa principal do fracasso deste, «o antagonismo da mentalidade asiática com tais princípios».

Vê-se assim que A. S. ora sub-estima o papel da personalidade ora o da estrutura económico-social, caindo quasi numa interpretação idealista.

Este assunto será, possivelmente, objecto dum estudo mais detalhado a realizar posteriormente.